

## A GENEALOGIA COMO FORMA DE CONHECIMENTO

Gustavo Almeida Magalhães de Lemos<sup>1</sup>

**Resumo:** *Este trabalho representa a introdução de um estudo mais amplo sobre metodologia de pesquisa genealógica.*

**Abstract:** *This work represents the introduction of a broader study on genealogical research methodology.*

Não é intenção do autor deste artigo propor uma metodologia que cubra todo o universo da pesquisa genealógica. A complexidade do tema é muito grande e exigiria a participação de muitos. Sendo assim, este estudo é apenas um passo no sentido de contribuir para uma discussão. A continuidade vai depender da vontade e do interesse dos pesquisadores em levar o assunto adiante.

Toda pesquisa genealógica deveria fazer parte de uma pesquisa maior, que lhe desse sustentação e apontasse o caminho a seguir. Cada pesquisador daria continuidade ao que já foi feito. Em poucos casos isso acontece. Temos visto muitas pessoas pesquisando as mesmas coisas, e com pontos de vista diferentes; cada um querendo impor a sua verdade. Em qualquer campo da ciência, isso é considerado um contrassenso. A discussão em ciência sempre existiu; a diferença é que essa discussão se dá em nível mais técnico e equilibrado, mesmo nas ciências sociais. Embora a ciência busque a verdade, ela está situada em um plano abstrato e inatingível. Se esse encontro fosse possível, a ciência deixaria de existir, e se tornaria uma religião, o que exatamente ela deixou de ser, a partir do momento em buscou a verdade. A ciência não é totalmente incompatível com a religião. Encontramos genealogias na Bíblia e em outros livros sagrados. A metodologia é que diferencia ambas. A ciência não se apoia em verdades reveladas, e é por este motivo que houve o afastamento da religião.

A genealogia nos moldes atuais, mistura elementos estranhos à ciência. Vamos abordar isso mais adiante. A aparente facilidade encontrada pelos pesquisadores nas atuais plataformas, permite que as pesquisas tomem um caminho oposto ao da metodologia científica. Uma pesquisa deve estar estruturada em bases objetivas. A formulação dessas bases irá fornecer os instrumentos necessários para transformar

---

<sup>1</sup> Associado da ASBRAP e titular da cadeira 22 do Colégio Brasileiro de Genealogia

a genealogia em uma ciência social. Os atuais pesquisadores de genealogia podem ser considerados autênticos cientistas amadores ou historiadores autodidatas. Seguem, empiricamente métodos consagrados pela ciência, sem se darem conta disso. A característica imanente das pesquisas históricas e genealógicas é que ambas não produzem informação, apenas rastreiam informações que já existiram, ou que supostamente existiram e permanecem desconhecidas. Exemplo: um indivíduo pode não saber quem foram os seus trisavós, mas pode ter a certeza de que existiram dezesseis deles. Toda pesquisa tem que partir da certeza de que o objeto será encontrado. A metodologia é a ponte que liga o interesse do pesquisador ao objeto da pesquisa.

**Introdução.** A genealogia é uma prática, e como tal é feita de uma forma empírica, o que a afasta do método científico tradicional. O empirismo também faz parte da ciência, com a diferença de que é usado como método experimental de pesquisa, e estando perfeitamente caracterizado como hipótese, e nunca como verdade. Na genealogia isso raramente acontece. A busca da gênese é um atributo básico de todas as ciências. Há quem busque a origem da vida, da matéria, do cosmos, e aqueles que buscam a origem das famílias. O estudo da genealogia responde a algumas questões essenciais e existenciais do indivíduo. Ela nos mostra de onde viemos; quem foram aqueles que nos precederam e que abriram o caminho para a nossa existência. A nossa cultura é cumulativa; levamos milhares de anos para construir a história. Vasculhar o passado ajuda a buscar o sentido da vida, a partir do momento que descobrimos como nossos ancestrais viveram.

Em qualquer área, a pesquisa sempre deve partir de três perguntas básicas: pesquisar o quê, para quê e para quem. A genealogia para transformar-se em ciência deve ter um único objetivo: produzir conhecimento, e que esse conhecimento tenha utilidade prática. Alguns critérios das pesquisas sociais se aplicam ao estudo da genealogia, mas não devemos nos esquecer que estas pesquisas tratam de pessoas vivas. Os mortos são apenas considerados como estatística.

A genealogia até o século XVIII esteve intimamente associada a um projeto de poder hereditário. Com o Iluminismo, suas características foram aos poucos sendo alteradas para novos paradigmas. Isso aconteceu com diversos campos do saber, principalmente aqueles ligados a História e as Ciências Sociais, que surgiram na segunda metade do século XIX. O problema é que a genealogia não criou um conceito único que pudesse ser utilizado em todos os campos de estudo. O resultado é que as pesquisas genealógicas hoje são feitas dentro de paradigmas diversos, muitos deles não explicitamente determinados.

**Novos paradigmas em pesquisa genealógica.** Paradigma é um conceito filosófico que representa os conteúdos de uma visão do mundo. Tal conteúdo é partilhado por todos aqueles que o aceitam como verdade sem discussão e transforma-se em padrão. Aqueles que partilham de tal visão, aceitam todos os fundamentos que são oferecidos sem crítica. Todo o conhecimento humano é apoiado em uma base

que o sustenta e dá legitimidade ao seu conteúdo. Com o passar do tempo, essa base vai aos poucos se alterando e a estrutura do conhecimento acumulado passa a ter uma nova base dentro de outros conceitos. Essa base recebeu o nome técnico de paradigma, pelo físico americano Thomas Kuhn.

No campo científico, o paradigma é conceituado como uma teoria ou sistema dominante, por um tempo, numa área científica em particular, com ênfase no conhecimento. Todos os campos do saber estão inseridos em paradigmas, que por serem temporais, vão se alterando com as mudanças de percepção do mundo. Se tomarmos os estudos de genealogia feitos até o século XVIII, vamos constatar que o ambiente em que se situavam era o poder. Com a entrada em cena da democracia como um novo paradigma de poder, a genealogia entrou em um processo de mudança que foi trazido até os dias de hoje. O que caracteriza uma fase de transição é exatamente quando coexistem dois ou mais paradigmas. A mesma atividade pode seguir rumos diferentes e até antagônicos, como é o caso da Astrologia. Com o conhecimento científico adquirido com estudos científicos, os fundamentos da Astrologia foram questionados e a ruptura foi inevitável. A Astrologia científica transformou-se em Astronomia, mas ambas atividades continuaram existindo, já que os fundamentos da primeira continuaram a ser aceitos por muitos e sobreviveram.

Nos últimos anos a genealogia genética tem exercido forte influência na genealogia tradicional e hoje é a principal porta de entrada dos novos pesquisadores, que buscam nas pesquisas documentais a identificação dos marcadores genéticos dos seus exames de DNA. O cotejamento de uma pesquisa documental com outra genética é complicado, já que sabemos que os genes não seguem necessariamente o mesmo percurso da História. É importante para os pesquisadores do futuro considerarem que uma informação genética não desmente uma histórica. As metodologias são diferentes e a comparação de ambas amplia o conhecimento sobre o comportamento dos nossos ancestrais.

**Tipos de pesquisa.** Quando temos um objetivo em mente, precisamos de uma estratégia para alcançá-lo. No campo da pesquisa essa estratégia chama-se metodologia. Uma pesquisa sistematizada aumenta as chances de sucesso e aumenta a sua credibilidade. Antes de iniciar o seu trabalho, o pesquisador deve saber exatamente aonde quer chegar e quais os instrumentos que pode utilizar. O seu objetivo vai determinar o tipo de pesquisa a ser feita.

Se o pesquisador parte de si próprio, ou de um descendente, ascendente direto ou cônjuge, ele estará fazendo uma pesquisa *Ad hoc*. Nesse tipo de pesquisa, o laço de parentesco estará sempre presente, não importando os desdobramentos que possa ter. A pesquisa *Ad hoc* tende a se verticalizar, ou seja, o pesquisador se interessa apenas por sua linhagem direta e graus de parentesco muito próximos. É o caso típico de pesquisadores amadores em sua fase inicial. Uma pesquisa *Ad hoc*

também pode ser feita por encomenda, desde que seja seguido o critério do laço de parentesco com a pessoa com quem a pesquisa foi iniciada.

Quando uma pesquisa parte de um grupo social, cidade ou região, com o objetivo de determinar sua origem, composição ou movimentação, dá-se a essa pesquisa o nome de *Omnibus*. Esse tipo de pesquisa possui um caráter mais genérico, uma vez que qualquer pesquisa que ajude a determinar a origem das pessoas pode ser considerado como *Omnibus*. Entre elas podemos incluir censos, catalogação de registros civis, paroquiais, judiciários, de terras, sesmarias, etc. Por sua natureza, a pesquisa *Omnibus* possui um alcance maior e também pode ser feita por amadores, com a diferença de que é feita de uma forma mais científica, principalmente por estar exposta a olhares críticos.

Uma pesquisa *Ad hoc* pode transformar-se em *Omnibus*, quando o pesquisador ultrapassa as fronteiras do parentesco, e estende a pesquisa para uma determinada região ou famílias coligadas por laços de afinidade, e não de sangue. A paixão pela genealogia normalmente leva o pesquisador a seguir esse caminho.

Praticamente todas as pesquisas genealógicas existentes possuem falhas na sua construção, decorrentes da falta de critérios que orientem o pesquisador. A utilização de fontes pouco confiáveis, incorporação de outras pesquisas sem uma criteriosa verificação e ligações familiares discutíveis, são exemplos típicos de falhas. A aceitação das pesquisas genealógicas na comunidade científica vai depender da formulação desses critérios. É claro que as falhas sempre irão existir – elas também estão presentes nas outras ciências. A diferença é que a falha não pode estar no método.

**Metodologia de pesquisa.** O que é necessário para que a genealogia seja uma ciência? A seguir vamos listar alguns tópicos que precisam ser abordados e discutidos para validar a pesquisa genealógica dentro do campo da ciência:

1. **Conceito.** É necessário que todos saibam exatamente o que é genealogia. O conceito deve abranger todo o universo de conhecimento que pode ser alcançado.
2. **Formas de conhecimento.** É o objetivo do presente trabalho. Uma ciência deve contribuir para aumentar o conhecimento, não só daquele que pesquisa, como de todos os que serão beneficiados pela pesquisa. Um pesquisador solitário, que pesquisa apenas para si, jamais poderá ser enquadrado dentro da ciência.
3. **O percurso metodológico na construção do objeto da pesquisa.** Deve ser estabelecido antes de iniciado o trabalho. O que caracteriza uma boa pesquisa é a sua unidade. Muitas pesquisas atualmente divulgadas, são verdadeiras colchas de retalhos de outras pesquisas. A preocupação com o geral, deve ser tão importante quanto o particular. A sistematização, redação, critérios de citações de fontes, dúvidas, etc., devem seguir o mesmo padrão em todo trabalho.
4. **Aspectos metodológicos na construção do conhecimento científico.** É a essência da pesquisa: como fazer. Existe um certo consenso, que uma

pesquisa deve partir de informações constantes em fontes primárias, sempre que possível. A citação de fontes é essencial para merecer credibilidade. A ordenação dos dados deve seguir o critério de fácil entendimento para leigos. Aspectos históricos são importantes, e devem ser abordados de forma resumida, ou em arquivo separado. Informações confidenciais sobre pessoas vivas, devem ser evitadas. As suposições, dúvidas e divergências de informações, devem ser claramente descritas. Existem outros aspectos que merecem uma abordagem metodológica. A criação de normas, em muito facilitaria o pesquisador no desenvolvimento do seu trabalho.

5. **Diferentes perspectivas e procedimentos em genealogia.** Uma pesquisa genealógica pode servir aos mais diversos objetivos, além de buscar a origem. Torna-se necessário distinguir as pesquisas quanto ao seu uso, e estabelecer procedimentos que sejam aceitos por toda a comunidade de pesquisadores.
6. **A relação entre problema e procedimentos de pesquisa.** Ao longo de todo trabalho científico surgem problemas não previstos no seu planejamento. Tais problemas devem ser debatidos por uma elite, ou associação, que seja representativa dos pesquisadores. Resolver problemas de forma aleatória, pode comprometer os resultados e invalidar todo um esforço. Sendo a genealogia uma prática antiga, é difícil o pesquisador se deparar com um problema que já não tenha acontecido antes, e solucionado a contento. A uniformidade de procedimentos é essencial para a aceitação da genealogia como ciência.
7. **Instrumentos e coleta de dados.** É necessário fazer uma distinção entre instrumento e fonte de pesquisa. O instrumento é o meio que nos conduz até a fonte. Nos dias atuais, a internet é o principal instrumento de pesquisa, mas temos muitos outros, como: tradição oral, pesquisas sobre DNA, associações genealógicas, arquivos públicos, bibliotecas, museus, etc. As fontes são os registros documentais, de onde os pesquisadores extraem as informações para as suas pesquisas. A diversidade das fontes é muito grande e merece um estudo à parte, incluindo a sua natureza e classificação.
8. **Relação entre qualitativo e quantitativo.** Uma pesquisa qualitativa se utiliza de instrumentos, lógica e observação. Deve haver um correto balanceamento entre os dados levantados e a interligação histórica entre eles. Uma pesquisa quantitativa tem como base dados numéricos e estatísticos. São os conhecidos bancos de dados, que embora sejam úteis, não privilegiam os aspectos históricos.
9. **Informática e genealogia.** A utilização de bancos de dados e programas de computador especializados em genealogia.
10. **A genealogia como objeto de estudo acadêmico.** É fundamental que sejam criadas cadeiras e cursos de nível superior voltados ao estudo da genealogia, assim como a defesa de teses acadêmicas. A elite dos genealogistas será

formada por pessoas que demonstrarem conhecimento científico dentro dos critérios estabelecidos.

11. **Comunicação dos resultados das pesquisas.** Comercialização de pesquisas, internet e todos os meios apropriados para divulgação de pesquisas.
12. **Ética em genealogia.** Assunto que merece um amplo debate. É necessário se criar um código de ética, com o objetivo de disciplinar e coibir práticas fraudulentas, além de estabelecer critérios de divulgação de informações que possam provocar constrangimentos. Toda ciência possui sua ética.

Caso a genealogia se enquadre nos critérios descritos, poderá ser considerada uma ciência. Note-se que tais critérios não foram estabelecidos pelo autor deste trabalho. Houve uma adaptação ao nosso caso específico de critérios aceitos pela comunidade científica, e que podem ser encontrados nos bons livros especializados em metodologia científica.

Alguém poderia perguntar: e os pesquisadores amadores, onde se encaixam dentro disso? Muitas ciências – como a história e a arqueologia – possuem amadores entre os seus praticantes. Os cientistas sociais nunca dispensaram o valioso auxílio de pesquisadores amadores. Se um trabalho é feito dentro de critérios científicos, ele terá validade e será aceito. Todos sabemos que a qualificação do autor nem sempre é sinônimo de qualidade.

**Objetivos da pesquisa.** (Pesquisar o quê?). Já vimos, que ao iniciar um estudo o pesquisador deve saber exatamente aonde quer chegar. Não importa muito se esse objetivo seja impossível de ser atingido. O importante é que ele aponte a direção a ser seguida. Em uma pesquisa *Ad hoc*, o importante não é chegar até Adão, e sim ao ancestral mais remoto possível. Em uma pesquisa *Omnibus*, a abrangência deve ser a tônica. Não apenas isso: é preciso saber quais instrumentos de pesquisa estão disponíveis. Esses instrumentos nos permitem um acesso mais rápido às fontes de coleta de dados.

Uma pesquisa genealógica também pode ter como objetivo servir de instrumento auxiliar da história. Nos dias atuais os pesquisadores de história dão grande ênfase ao estudo da vida quotidiana do passado. Diversos aspectos do modo de vida dos nossos ancestrais podem ser estudados com o olhar da genealogia.

A ciência também está descobrindo a genealogia. Estudos sobre doenças hereditárias estão sendo desenvolvidos em todo o mundo. Com as pesquisas do DNA mitocondrial e Cromossomo Y, ciência e genealogia estão investigando as origens do homem. Mas, para alguns poucos, a genealogia pode servir para objetivos fúteis, conforme será demonstrado mais adiante.

**Pesquisar para quê?** Explicar os motivos que levam as pessoas a pesquisar é complicado. Qual o fascínio que atrai uma legião de não-cientistas para a sua prática? Muitas das razões escapam da racionalidade. A maioria das ciências carrega

a paixão no seu bojo. Existe uma ambiguidade entre ciência e magia que mexe com o imaginário e nos transporta para um mundo que não vivemos. Por definição, passado é aquilo que foi por nós vivido. A genealogia trata do ante-passado, ou seja, aquele passado que foi vivido por aqueles que nos precederam. O ciclo de uma vida limita a nossa capacidade de compreender a realidade, e nos obriga a buscar no passado algum tipo de explicação que dê sentido à nossa existência. Poucos pararam para pensar nos reais motivos que os levam a pesquisar. A razão é simples: é muito difícil verbalizar emoções. O lado emocional é uma das principais motivações, mas raramente é assumido. Os pesquisadores preferem dizer que pesquisam por *hobby*.

Pesquisar sem saber o motivo é a regra. A magia atinge diretamente a emoção sem passar pelo filtro da razão. O que nos leva a pesquisar é o mesmo motivo que nos leva a gostar de ópera ou ficção científica. Ninguém pesquisa ou estuda por *hobby*. Alguma coisa nos leva a isso. Dizer que a genealogia é um *hobby*, é uma simplificação que não resiste a uma análise mais profunda. Não devemos ter medo em assumir nossa curiosidade, que é a mesma dos cientistas, e que provavelmente tem as mesmas raízes. A curiosidade bem dirigida traz benefícios para muitos, ou que seja para um só. Melhor pesquisar genealogia do que a vida dos vizinhos ou de celebridades que ganham dinheiro com a curiosidade alheia. Muitos dos que nos criticam fazem isso. A satisfação da curiosidade sempre está atrelada a um componente emocional, se ele nos trouxe conhecimento, tanto melhor.

O conhecimento que adquirimos com a genealogia não é pequeno. Diversas áreas do conhecimento científico estão envolvidas: História, Geografia, Sociologia, Antropologia, Teologia, Linguística, Genética e muitas outras. Podemos notar nos nossos ancestrais todos os efeitos dos fatos históricos conhecidos, e que foram vividos por eles. A genealogia é hoje de uma grande importância para a maioria das ciências. Por que não transformar em uma? Ela já contribuiu, e ainda tem muito a contribuir para o desvendamento dos mistérios do passado.

Todo e qualquer conhecimento parte de uma emoção: os alquimistas da antiguidade buscavam a imortalidade, e acabaram inventando a química; a filosofia buscava o saber, e inventou a ciência. A genealogia no seu início tinha múltiplos objetivos: servia para marcar o tempo, através de gerações; as dinastias foram criadas para perpetuar as famílias no poder; a fidalguia e nobreza também se perpetuavam através da genealogia; o clero a usava como critério de seleção para os seus membros; a inquisição usou a genealogia para perseguir os judeus e até nos tempos modernos o nazismo pesquisava os ancestrais do seu povo e dos territórios ocupados, com os objetivos que todos sabemos.

A vida não se inicia em um instante zero. Um indivíduo ao nascer já traz dentro de si todo um passado histórico que não pode ser ignorado. Os detratores da genealogia preferem ignorar esse passado e só olhar para frente. Ninguém deve



se orgulhar ou envergonhar daquilo que não fez, a genealogia não deve servir para tais fins. Ela funciona como um espelho retrovisor do tempo. O futuro tem como base o presente que é construído no passado. Vários autores já disseram que o homem é o produto do meio. A consciência dessa premissa nos autoriza a reavaliar e interferir na nossa realidade com o objetivo de construir um mundo melhor.

Mas a pergunta (pesquisar para quê?) ainda não foi totalmente respondida. Nos dias atuais, todos procuramos a felicidade, ou pelo menos deveríamos. Se olharmos para trás, vamos verificar que a felicidade dentro dos nossos conceitos nunca existiu. Muito pelo contrário: as agruras por que passaram nossos ancestrais nos tornariam muito infelizes. Mortes de recém-nascidos eram comuns – de parturientes também –; doenças contagiosas dizimavam famílias inteiras; a vida era mais curta; as injustiças sociais eram bem maiores; os nobres representavam uma parcela da população menor do que a classe rica de hoje, isso quer dizer que se alguém tem ancestrais nobres, não significa que seria um. Olhando para esse passado, podemos nos considerar privilegiados, e perceber que o conceito de felicidade é mais abstrato do que supúnhamos. Se pudéssemos trazer nossos ancestrais para o presente, eles seriam mais felizes do que nós. Essa lição ajuda-nos a buscar a felicidade dentro do possível. Pelo menos é isso que o autor desse trabalho sente ao pesquisar seus ancestrais.

A nossa sociedade evoluiu muito. É claro que em um ritmo mais lento do que seria desejável e está longe do ideal. A genealogia e a história nos mostram a lentidão dos avanços sociais que os dez milênios de civilização ainda não conseguiram resolver. Infelizmente a genealogia pode servir a propósitos bem menos nobres.

Até esse ponto falamos de usos e motivos perfeitamente determinados e assumidos, até que entra em cena o lado fútil da genealogia: a busca da nobreza e de um passado heróico dos ancestrais. Se no passado a ascendência era um fator determinante para que o indivíduo se posicionasse na sociedade, nos dias atuais ela é de pouca ou nenhuma importância, mesmo assim muitos buscam nos ancestrais, algum tipo de orgulho ou vaidade que não teriam no presente por seus próprios meios. No Brasil nunca houve uma nobreza de fato, conforme está demonstrado na tese de doutorado de Gilson Nazareth “O Imaginário Fidalgo De Uma Sociedade Burguesa”. Os títulos nobiliárquicos foram distribuídos sem critério, e não tinham nenhuma ligação intrínseca com o poder estabelecido. Esses títulos não eram hereditários e tinham um significado muito diferente das dinastias europeias, onde expressavam a oligarquia. Não há muito do que se orgulhar. No Brasil, podemos considerar a nobiliarquia como acidente de percurso dentro da pesquisa genealógica. Do ponto de vista estatístico, podemos afirmar ser impossível qualquer ser humano não descender de nobres, mesmo entre os membros das sociedades primitivas. A identidade do povo brasileiro foi construída também com o trabalho de gente simples. Na sua grande maioria imigrantes, índios, mestiços e negros. A vaidade vicia as pesquisas e as desvia do objetivo inicial, que passa a ser ela própria. Na



verdade, a vaidade pode ser o objetivo inicial, mas quase sempre é dissimulada. Ela não traz em si nenhum valor, portanto jamais vamos atingir uma vaidade com critérios objetivos, uma vez que ela própria é subjetiva. O único valor no sentido abstrato que herdamos é a nossa educação. Os valores que muitos buscam nos ancestrais não valorizam o presente.

A genealogia reserva muitas surpresas para aqueles que a pesquisam. No rastro do seu trabalho, o pesquisador contribui para reatar ligações familiares há muito perdidas. O autor deste trabalho teve a oportunidade de estabelecer contatos com parentes distantes, muitos dos quais a existência era desconhecida, e perceber o peso da tradição. A tradição familiar é um laço muito forte que une os membros de uma família, e que leva muitas gerações para se desfazer. Foram observados muitos traços de semelhança reconhecíveis entre pessoas que nunca se conheceram. Isso é muito mais do que simples coincidência ou tradição burguesa. O passado deixa marcas indeléveis nas pessoas, que as carregam sem se dar conta, e que as transmitem aos seus descendentes. Partilhar o passado com os nossos parentes se constitui em uma experiência inesquecível e uma lição de vida.

**Pesquisar para quem?** Os pesquisadores *Ad hoc* não têm necessidade de responder a pergunta, afinal estão pesquisando para si ou para um determinado indivíduo ou família. Já os pesquisadores *Omnibus* devem saber a abrangência do estudo a que se propõem. O universo de pessoas atingidas pela pesquisa deve ser corretamente avaliado antes do seu início. A divulgação de uma pesquisa genealógica deve não só contribuir para esclarecer ou até mesmo modificar fatos históricos, como também atingir um maior número possível de pessoas. É uma obrigação de todo pesquisador lutar pela preservação das fontes de pesquisa. Catalogar e restaurar fontes primárias deve fazer parte das atividades de todos os pesquisadores, mesmo aqueles que pesquisam para si. Muitas dessas fontes foram preservadas, exatamente porque outros antes de nós tiveram essa preocupação.

**Conclusão.** Uma pesquisa feita sem métodos científicos pode mesclar informações coletadas de boas fontes, com referências de fontes duvidosas ou inexistentes. Os principais vícios das atuais pesquisas são esses, além da falta do objeto claramente identificado e da descrição da metodologia escolhida. Como já foi dito, as pesquisas genealógicas são praticadas por amadores em sua grande maioria. Falta orientação para os pesquisadores, já que os métodos científicos são acessíveis a todos e fáceis de serem aplicados. As obras genealógicas já existentes não perderão valor, apenas serão consideradas como referências, da mesma forma que os dicionários, principalmente porque a língua é dinâmica. Os dicionários não são e jamais serão obras científicas. O seu conteúdo sofre uma constante crítica e tem que de ser permanentemente alterado. Mas nunca irão perder seu valor como referência. Os atuais trabalhos publicados não serão descartados e prestarão valiosa colaboração para pesquisas futuras.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

- LAKATOS, Eva Maria e Marconi, Marina de Andrade. *Metodologia Científica*. 2ª Edição. Editora Atlas, 1991.
- LEMOS, Gustavo de Almeida Magalhães. *Genealogia no Século XXI – Metodologia de Pesquisa* – Comunicação apresentada no I Congresso de Genealogia do Rio de Janeiro. In: Brasil Genealógico do CBG, Tomo V, 2005.
- LEMOS, Gustavo de Almeida Magalhães. *Metodologia, Fontes e Instrumentos de Pesquisa em Genealogia*. In: Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais. Suplemento Especial Genealogia, 2019.
- KUNH, Thomas S. *A Estrutura das Revoluções Científicas*. Perspectiva, 1970.